**A. DUARTE, *Droga e Toxicodependência e a Proposta Educativa da Igreja Católica no Magistério de João Paulo II*, Viseu 2011, 214 p.**

Não abundam os estudos de ética e teologia moral sobre a dependência de drogas ou de outras substâncias que causam adicção. Longe vão os tempos em que se tratava da virtude da temperança que, como se sabe, tem por objecto a relação do sujeito com os bens fruíveis. Por isso, este trabalho de Américo da Cunha Duarte tem toda a razão de ser publicado. Foi realizado no âmbito de um mestrado em bioética teológica da Faculdade de Teologia – Porto. Mais remotamente, o desejo de estudar o assunto provém da preocupação educativa e pastoral do seu autor que se tem ocupado da juventude ao longo de décadas e foi confrontado em muitas ocasiões com o problema da droga.

O assunto é tratado em seis capítulos: primeiro iluminam-se os contornos de um problema antigo que se tornou problemático recentemente, assunto a que se segue o despertar do magistério da Igreja de João Paulo II para a iluminação da matéria. Seguidamente, estuda a relevância antropológica e teológica da dependência. Os três capítulos finais pretendem tratar da regulação ética e jurídica do assunto, da elaboração de uma proposta terapêutica, concluindo com uma parénese cheia de esperança sobre a possibilidade de dominar a dependência.

Trata-se, pois, de um trabalho expositivo, na senda dos textos escritos e pronunciados por João Paulo II em diversas circunstâncias, os quais o Autor buscou exaustivamente. Aconselha-se vivamente a leitura. O problema da droga assume, como sabemos, proporções enormes nos nossos dias. Ao robustecer o sujeito, abrindo-o à Transcendência divina e humana, a fé cristã pode dar um contributo decisivo para a solução de um problema que, do ponto de vista teológico, resulta, em último caso, do ensimesmamento da pessoa. A cultura cartesiana em que vivem os modernos que somos leva no sentido deste círculo trágico em que o Ego conduz… ao Ego, apresentando-se a experiência alucinada da droga como uma triste saída para este equívoco sobre o sentido da vida.

Jorge Teixeira da Cunha